

ELES ERAM MUITOS CAVALOS, LITERATURA NA FRONTEIRA ENTRE SOCIAL E POLÍTICO

*ELES ERAM MUITOS CAVALOS,
LITERATURE ON THE
BORDER BETWEEN SOCIAL
AND POLITICAL*

Madalena Machado¹
(UNEMAT)

RESUMO: Neste artigo procedemos a uma leitura crítica do romance *Eles eram muitos cavalos*. Usamos como referencial teórico, a hermenêutica literária propugnada por Gadamer (2004), Ricoeur (1978) e Jauss (1988), a fim de levantar a problemática do político e social presente na obra literária, testemunha dos anos atuais. Horizontes de expectativas quebrados, presente

¹ Doutora em Teoria Literária, Professora e Pesquisadora na UNEMAT/*Campus* de Pontes e Lacerda e Tangará da Serra/PPGEL. Pontes e Lacerda, Mato Grosso/Brasil E-mail: dramadalena@unemat.br

romanesco, são enfoques dados na nossa interpretação do literário em cena, interferindo na consciência reflexiva do leitor.

PALAVRAS-CHAVE: Político; Social; Literatura; Atualidade.

ABSTRACT: In this article we do a critical reading of the novel *Eles eram muitos cavalos*. As a theoretical framework, we use the literary hermeneutics advocated by Gadamer (2004), Ricoeur (1978) and Jauss (1988) in order to raise the issue of political and social that is present in literary works in contemporaneity days. Horizons of broken expectations and the present novel present are approaches in our interpretation of the literary scene that interferes with the reflective consciousness of the reader.

KEYWORDS: Political,; Social; Literature; Current.

1. Introdução

O romance *Eles eram muitos cavalos* [2001] (2013) de Luiz Ruffato, com suas 130 páginas, além do atrativo pela forma, provoca uma leitura crítica de seu conteúdo, união esta resultante de sua consagração, visto os prêmios conquistados: troféu APCA oferecido pela Associação Paulista de Críticos de Arte em 2001 e o Prêmio Machado de Assis da Fundação Biblioteca Nacional (2001). À parte a discussão envolta na inovação de forma e conteúdo, uma verdadeira revolução na literatura brasileira do século XXI, conforme a celeuma levantada no que resultou na publicação da coletânea de ensaios, todos dedicados a investigar o romance: *Uma cidade em camadas*, ensaios sobre o romance *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato (2007), sob a organização de Marguerite Itamar Harrison. Contudo, priorizamos neste artigo, investigar implicações sociais e políticas na composição dos 70 fragmentos que compõem o romance.

Testemunho de um tempo em processo, o romance detém elementos que permitem visualizá-lo como pós-moderno, tais a fragmentação do texto e do homem, seu componente primordial. Também podemos apontar a falta de relação dos personagens entre si, a caoticidade de espaço e tempo, conforme a apreciação da vida à qual a literatura se ocupa. No presente artigo, nossa preocupação interpretativa diz respeito a compreender o elo de ligação entre o social e o político, neste romance, fronteiriços da criação literária.

Em princípio é preciso salientar que à maneira de James Joyce com *Ulysses* (1922), romance que trata de compreender a vida de seu protagonista Leopold Bloom, ilustrada no dia 16 de junho de 1904, Luiz Ruffato adota igualmente um dia sem nenhum acontecimento digno de se encarar como um fato histórico, 09 de maio de 2000. Todos os personagens vivem suas angústias, ilusões, buscas neste dia sem glória, muitas vezes entorpecidos pela violência, deixando e fazendo ver mais do ser humano rotulado com a perda de si, a busca do outro. Alinhavados pela leitura crítica que é possível fazer do romance em pedaços, sublinhamos razões políticas (a afirmação do escritor de que sua maior ambição literária é compor um painel da formação da classe operária brasileira entre 1950 e 2000) e incômodos sociais: ao tocar em mazelas de camadas costumeiramente fora do olhar literário.

Desde o título, *Eles eram muitos cavalos* que, se tomado em suas partes (“Eles” para destacar o anonimato, a coletividade a ser estudada, “eram”, traiçoeiramente uma menção ao passado pois o tempo forte do romance é o presente, “muitos”, novamente para reforçar que o desencontro é de várias personagens e, “cavalos”, marcando de forma até agressiva a animalização a que estão reduzidos os seres que se movem na ambiência narrativa); a dedicatória à Cecília que julgamos ser a poetisa pois, na sequência temos uma estrofe de seu poema, “Dos cavalos da Inconfidência”, citamos: “Eles eram muitos cavalos,/mas ninguém mais sabe os seus nomes,/ sua pelagem, sua origem...”, Ruffato faz de seu romance uma interlocução com a visão crítica presente na poesia de Cecília

Meireles. Percebemos uma clara alusão por luta em prol da liberdade, a busca do próprio valor, saber quem são e, principalmente, “cavalos”, lemos como uma metáfora de seres embrutecidos pelas circunstâncias. Homens alienados, muitas vezes inebriados com a própria imagem, sem, no entanto, saber de si. Assim são os seres fictícios que encontramos na leitura dessa literatura.

2. O caminho hermenêutico

Como interpretar um romance eivado de estilhaços? E mais, numa leitura crítica como apontar um fio condutor que assegure um mínimo de coerência investigativa? Algumas coincidências é necessário que se evidencie. Uma delas é que nos fragmentos em que o leitor encontra uma narrativa, uma história com certos requisitos sequenciais, o que notamos é um fundo de negatividade, pessimismo, desnorsteio. O que não deixa de ser uma visão crítica da vida presente na megalópole que é São Paulo, mais especialmente, o universo da periferia. Também é importante frisarmos que existem 69 textos, ora com enredos esparsos, propagandas, lista telefônica, hagiologia, anúncio de emprego, oração de santo, endereço, previsão de tempo, lista de livros numa estante, nas últimas páginas existem duas delas (127 e 128) borradas de preto sem nenhuma inscrição, no momento oportuno indicaremos nossa interpretação para tal recurso literário.

Seguindo as orientações de Umberto Eco (2005), só podemos interpretar um texto literário conforme as razões do próprio texto. Assim, ao lidarmos com as marcas deixadas por Ruffato, no caso, os fragmentos sem ligação a não ser o fato que todos dizem respeito a um único dia, tempo este multifacetado, lançamos a hipótese de que se trata de uma amostragem da sociedade sem noção de conjunto ou, em outros termos, um mosaico de várias individualidades.

O homem que integra esta sociedade surge no fragmento de número 04, ele é alguém com situação financeira privilegiada, com

todo acesso a bens materiais, mas sozinho, perdido entre objetos de luxo, viagens e sem motivo para viver. Depois deste homem sem nome, os demais personagens, ora é uma mãe que faz uma longa viagem em busca de rever o filho mas que não vemos o desfecho; uma mulher desencantada com seu casamento e rotina; um garoto que quer presentear a mãe no dia dela, mesmo que seja roubando numa loja; crianças crescendo num barraco em meio a sujeira e ratos; um cachorro que acompanha seu dono na sarjeta até a hora da morte num assalto. Há um fragmento dedicado à história de um índio jogado na periferia de São Paulo, de um lado para outro, limpando banheiro e chão sujo de bar em troca de comida, é humilhado, espeznhado e muitas vezes ridicularizado. Existe a história de uma mulher que bebe para esquecer as mazelas do país e as próprias; um garoto cuja mãe sai para trabalhar e deixa um bilhete no qual sabemos que ele deveria sair para procurar emprego, é usuário de drogas, sai e não volta. O fragmento de número 20 apresenta a intrigante história de dois homens que poderiam ter sido grandes amigos, a conjectura vem desde o título, o que fariam, onde frequentariam e o interessante é que eles nunca passaram de um rápido cumprimento no elevador do prédio onde moravam.

Transcrição de telefonemas de uma mulher casada ligando para a amante do marido, os xingamentos, o desespero. Um homem negro de trajés surrados que vai ao supermercado e depois de várias voltas coloca no carrinho alguns itens que aos poucos devolve à prateleira, ficando apenas um pacote de fraldas e um lata de leite ninho, motivo para ser levado pelo segurança até o gerente e este chamar a polícia; um homem com seu terno surrado, Bíblia debaixo do braço tenta pregar na agitação da grande cidade, acaba se tornando motivo de zombaria e agressões. Um pai que vai apanhar o filho na escola a bordo de seu carro importado, com seus apetrechos de luxo, o celular que não lhe dá sossego, o filho que o espera, e nos seus pensamentos o leitor fica sabendo dos inúmeros passos que deu para chegar até ali, os atalhos por meio de serviços nada legais para que o filho sentisse orgulho dele ali na frente da escola, a caminho da lanchonete

para comerem sanduíche. Há a história do garoto que se prostitui em troca de comida; também do velho que fala às paredes no banheiro público, já que ninguém se dispõe a ouvir sua vida; de outro velho que mora de favor na casa da filha, um ambiente cheio de gritos, brigas, que sustenta a casa e ainda é tratado como lixo; o de uma mulher que enlouqueceu e se arrasta pelas ruas em busca da filha desaparecida.

A vida de Luciano que deitado na cama observa a vida que passa a seu redor, a continuidade precível de tudo; a vida de Idalina que sonhava em ser médica e sucumbe frente as imposições da vida; uma menina de oito anos, filha de pais protestantes, vê os pais trabalharem até a fadiga, quase não os vê, frequenta a igreja com eles e é convidada a cantar no coral dos cultos aos domingos e subir ao púlpito para recitar trechos inteiros da Bíblia; uma moça que trabalha de balconista numa loja que fabrica roupas, trabalha sem descanso até para almoçar, é assaltada no trabalho e morre; uma conversa de imigrantes, italiano e português falando de como o Brasil é uma bagunça, como as pessoas aqui roubam e como é melhor a terra para onde eles estão voltando; numa longa viagem de táxi, o motorista Claudionor conta sua vida ao passageiro que em nada participa da conversa, apenas ouve e sai sem manifestar; lista de pessoas se oferecendo para encontros sentimentais; apresentação de Fanny, a filha de Raquel e Bernardo que incentivam a carreira da filha roqueira; a história de um homem oprimido pela vida que leva, morando num quartinho apertado na casa do sogro, a vida atropelada de todos, as obrigações diárias, a filha mais velha que engravida, os fins de semana de reunião familiar e sua fuga para o parque da cidade para esperar o dia acabar.

O narrador que mostra a vista parcial da cidade dentro de um ônibus, ora é uma velha rente à janela, uma adolescente no corredor, um homem de pé segurando uma bolsa com marmitta e demais apetrechos para passar o dia, o balanço do ônibus em meio a bagunça do trânsito; tem o retrato de um prefeito que acaba de assumir o cargo e seu chefe de gabinete fala aos funcionários da

prefeitura os hábitos do novo chefe, sempre tratado por “Ele”, de sua prática, favores, de como conseguiu uma ocupação para Vaguinho, afilhado do chefe de gabinete, serviço de conseguir pessoal para estar presente em determinadas ocasiões que precisasse gritar o nome do prefeito, aplaudi-lo, mas todos tinham uma proibição expressa: jamais olhar nos olhos do prefeito; a história do crânio é a do sujeito que mora na favela rodeada de traficantes, bandidos, é aceito em todos os meios mas não se torna um deles, tem ideias próprias, gosta de ler, é irmão do narrador que sente orgulho dele, apesar de gritar, alertar para eles deixarem de ser otários que enquanto eles traficavam, assaltavam, os ricos nem se importavam com eles. Quando a polícia prende crânio numa rua da favela, espanca, tortura, o irmão e os bandidos se preparam para a vingança.

Junto a um conselho de como preparar um ritual para a entrada da lua em Câncer, temos a carta de uma mãe para o filho que lhe dá suas notícias e conta de como não pode ir vê-lo. Há um encontro de um político num hotel suspeito, dúvidas sobre o que ele faria ali, cogita-se de negócios escusos, prostituição, acabando tudo em conversa sobre política; a rotina de um médico, dr. Fernando, encurralado por plantões, vida familiar. Telefonema de Cláudia, a esposa, bandido em casa com revólver na cabeça da filha, descobre com surpresa que o paciente que está prestes a operar foi o bandido que quase acabou com a vida da sua família. O fragmento 53 é intitulado Tetrálogo, um diálogo a quatro, na verdade, uma insinuação que haverá um encontro onde os casais serão trocados por vontade própria, é toda uma preparação que não vemos o desfecho, na conversa observamos preconceito, trapaça naquilo que as pessoas fazem no seu dia a dia. Há a conversa de um homem com um amigo, mas no caso é um monólogo porque não temos as respostas do outro. Conta de como já conseguiu levar para a cama 25 mulheres fazendo contato pela internet, um jogo segundo ele cujo prêmio é levar a mulher para a cama, de como conquistar, o que fazer na cama, dos encontros que teve, de uma armadilha que prepararam, mas de sua persistência no mundo da conquista virtual.

Numa partida de futebol entre Corinthians e Rosario Central pela Libertadores da América, Marlon é atingido por uma lata de cerveja na arquibancada, virou a cabeça e viu o assaltante de sua borracharia e disse que se vingaria logo após a partida. A mesma cena é contada pelo assaltante Pecê num jorro de pensamentos sem vírgula. Marlon cutuca Sem-Cabelo para planejarem a vingança que seria enfiarem um “cabo de vassoura no rabo dele”, disse que ia esperar o fim do jogo. O fragmento se encerra com a perspectiva de Pecê que procura uma saída em meio as pernas excitadas pela partida e torcendo para haver todos as prorrogações possíveis de uma partida de futebol.

Temos a viagem de Zé Geraldo aos Estados Unidos ao encontro do Rick que se deu bem por lá, ele morrendo de medo do amigo não estar na hora certa, não sabia falar inglês, nunca passou do verbo *To Be*, lembra do conselho final de Rick para esquecer este “paiseco” de merda, povinho conformado, elite sacana, corrupção, politicalha, bandalheira, “filhadaputice”, “corneagem”, putaria, resolve arriscar tudo na viagem. A história da garota de programa que sai com um homem que lhe trata de forma respeitosa, compra roupa, leva numa reunião social e ela se espanta por ele não querer fazer nada com ela, nunca tinha sido tratada com tanto respeito até então. Outra é a história do lutador de boxe contratado para perder a luta, simplesmente em troca de alguns trocados que iriam garantir a compra de alguns supérfluos para a família, enquanto para ele se conformava em comer um PF depois da luta. Fragmento com simpatia para afastar o ciúme. Um homem que se chama Humberto e uma garota parecendo 15 anos, ele a observa, convida para comer um lanche, ela aceita, eles saem depois a garota vai embora mas ele a segue até perde-la de vista entre as várias pessoas que passam por ela e ele com uma sensação de inutilidade na boca. Um homem inconformado com a rotina do casamento, a vida medíocre, massacrante de São Paulo, resolve pegar suas coisas e se instalar num hotel barato para se ver livre de tudo, mesmo que seja por um final de semana ou para a vida toda. O encontro narrado por Paulo Sérgio Módena de amigos que participaram do momento final da

ditadura e militava na política estudantil, gente de vária procedência, intelectual e social, se mobilizou em torno da anistia aos presos políticos e retornou à cena nas Diretas-já. Há dezesseis anos se reúnem sempre num local indicado por Paulo. Duas versões para a mesma visão de alguns engradados, de um lado provavelmente é a do guarda que foi instruído para atirar em estranhos e do outro, garotos que vinham caminhando de longe porque era de madrugada e não havia mais ônibus, por brincadeira resolvem derrubar alguns engradados de madeira, um deles foi morto na hora, outro correu e outro está na UTI, muito mal. Outro fragmento, outra experiência que o leitor acompanha guiado pelo olhar do narrador que sem nenhuma marca ou aviso muda de um personagem a outro. A rua, o mendigo, o cão, o prédio antigo, a entrada no prédio, a apresentação do personagem que é zelador do prédio, agora cedeu o lugar ao genro por causa da aposentadoria. A filha deste criada no prédio, seu crescimento, casamento, filhos, aneurisma, morte. Novamente volta a voz narrativa ao zelador crente da Casa da Bênção, cede à tentação do demônio e experimenta a bebida, o cigarro, durante o dia entregava-se às ocupações do prédio, à noite, se entregava aos prazeres da garrafa de cachaça. Uma noite é acordado pelo porteiro que quer saber se deve ou não deixar o encrenqueiro Fred entrar, este o agride verbal e fisicamente até deixa-lo caído no chão, registra um B.O. Raimundo, o porteiro, não vai por medo de perder o emprego, o delegado, o síndico avisam que não vai dar em nada porque o rapaz tem dinheiro e já acertou tudo no prédio. Pegou uma sacola de papel do supermercado, enfiou uma muda de roupa dentro e saiu sem perceber que perdera a camisa com sua identificação e a do prédio.

Insônia é o título do fragmento 67, nele vemos retratado a rotina de um homem, suas inúmeras ocupações, observações do espaço que ocupa, como a opinião alheia molda seu caráter, o desejo sufocado seja da mulher alheia, seja de um sonho inalcançável, como parar de fumar e ir a Paris, o medo de perder o emprego, de ser enganado, reflexões que se acumulam num crescendo até serem

interrompidas pelo apito do guarda e o artigo no plural depois da vírgula. Em seguida é a vez da descrição de um cardápio completo. Depois as duas páginas com a marca preta ocupando quase toda a extensão das páginas, seguido de um longo diálogo que começa com a abertura do parênteses e encerra com a chave. Na verdade é quase um sussurro, expressões curtas entre um homem e uma mulher que escutam um barulho, são interrompidos por quatro pausas, parece ser de uma pessoa gemendo, a mulher questiona se não devem ir ajudar, o marido manda ela se aquietar e numa fala final cheia de hesitação, ordena para dormir que no outro dia eles ficam sabendo do que se tratava.

O universo particular de cada personagem demonstra alienação ao mesmo tempo em que provoca inquietação, descontinuidade naquilo que fazem, pensam; perdidos no labirinto das várias escolhas, numa rede que os envolve, mas não os une. Nisso, percebemos o quanto de visão política Luiz Ruffato coloca no seu livro, uma possibilidade de olhar com aquele horizonte o nosso tempo eivado de ânsia por liberdade de ser e sentir em meio à opressão. Uma liberdade que é barrada pela disparidade econômica, universos sociais distintos mas ligados entre si pela solidão de pensamento, o desarranjo interior, são por isto uma sociedade composta por seres que se deslocam. Em se tratando da distinção política na amostragem proporcionada pelo escritor, o deslocamento deixa de ser exclusivo do corpo ou mesmo do pensamento, visto que atitudes, complexos, visão de mundo não se alteram num sentido de amadurecimento, sequer autoconhecimento.

Romance pós-moderno por excelência, ao ressaltarmos o constante movimentar dos personagens, não significa que eles lutam em função de uma ideologia, mas que o corpo e o pensamento vão na direção que cada um entende ser a saída do dia comum, do lugar conhecido, do ser ao lado enfadonho, mas que muito provavelmente no dia seguinte continuarão todos nos seus lugares. Traduzir esta angústia, no nosso ponto de vista, é a grandeza da escrita de Luiz Ruffato que consegue colocar na literatura um debate com as

fronteiras entre o social e o político. Nesse universo ficcional, a estruturação psicológica dos personagens vai ao enalço da força humana e social. Uma vez perdidos tanto a referência como a perspectiva, o que vincula o político e o social está na amostragem em painel de um narrador, pura técnica do escritor. Alguém que mostra mas não toma partido, vê mas não interfere, está presente mas não se comunica, olha mas não sente, pelo menos não com a medida que tradicionalmente se espera: denunciar para corrigir. Pelo contrário, nesse universo não há correção possível.

3. Inquirições do processo

Já comentamos a respeito do elo de ligação em *Eles eram muitos cavalos* ser as experiências mostradas num único dia na cidade de São Paulo. Ainda podemos acrescentar que na fronteira aludida, existem estes personagens, muitas vezes não nominados, vistos como desestruturados, massacrados pela vida, atormentados com a solidão. Assim, em fragmentos desde o interior dos seres ficcionais até a composição da narrativa, temos uma complexidade em suas criações. Possibilidade para que nossa leitura interpretativa acentue os sentidos múltiplos ali manifestos. Reiteramos, ainda, a defesa na leitura deste romance como uma amostragem do nosso tempo. Ora, tal reflexão pode ser estendida no tocante à “apropriação de nosso esforço por existir e de nosso desejo de ser, através das obras que testemunham esse esforço e esse desejo.” (RICOEUR, 1978, p. 19). Perseguir uma explicação do mundo, de si, requer o entendimento estabelecido no processo, conforme encontramos na narrativa, muitas vezes estampada sem início nem final, apenas testemunho. Ali o social é forte, o político, linguagem viva, vontade de reunir os pedaços, vida pulsante.

No que se refere àquilo que assinalamos como fronteira, pensamos naquela unidade precária, sob a perspectiva do proposto por Paul Ricoeur para quem, no livro *O conflito das interpretações* (1978),

o como dizer as coisas importa tanto quanto as próprias coisas ditas, conforme suas palavras, um problema da hermenêutica (p. 82). Essa vida desdobrada em muitas óticas no romance de Ruffato, traz em si a força humana e o sentido político capazes da significação do nosso tempo. Portanto, ali a mulher que se martiriza por ter perdido a felicidade da infância e hoje, caída no chão da sala, bêbada, sozinha não ver saída, também proporciona ao leitor uma interpretação. Encaramos, por isto mesmo, a interpretação enquanto um “modo de ser, o modo desse ser que existe compreendendo” (RICOEUR, 1978, 10). Se a vida é disponibilizada naquele ambiente ficcional à maneira de um labirinto que os personagens, flagrados em despreparo, angustiados pela falta de saída, atormentados quando não enxergam o caminho, viver significa se adaptar à solidão, à máscara que é preciso usar.

O processo que na verdade é um intervalo, tomando-se por parâmetro o dia 09/05/2000, exige um trabalho de interpretação sem os preconceitos de um purismo da linguagem, da forma ou do conteúdo. Narrativa que se multiplica mas que se transforma em uma pois é a narrativa da vida que não subsiste, a não ser porque a morte ronda seus interstícios, uma sociedade em miniatura. Embora observada assim, o processo político de olhar para essa individualidade ajuntada, é uma técnica utilizada pelo escritor uma vez que os personagens parecem se rebelar contra o estatuto da vida pronta. Muito embora simplesmente se deixam ir, no silêncio, na solidão, vidas desperdiçadas? Amostragem para servir de contraponto? Narrativas nas quais acompanhamos a aflição, o horror de personagens acossados pela força maior do poder econômico, negociatas, humilhações, muitas vezes paralisados perante o rapto moral do qual são vítimas. É então que entra em cena a descrição de uma copa, a visão de uma estante, anúncio de emprego, oração de santo Expedito, salmo 38, cardápio, duas páginas pintadas de preto sem nenhum tipo de inscrição. Sai de cena o elemento humano e entra a estupefação, outro nome para aquilo que denominamos, neste romance, de petrificação da existência.

Justamente reside nesse entrelaçamento a grandeza fragmentária da obra de Luiz Ruffato. A maneira como ele consegue articular a precariedade humana e a morbidez daquilo que apenas aparentemente é acessório. É dessas vidas fora dos holofotes que encontramos o espaço que comprime, situações abjetas, tal a força da palavra que os cerca, animaliza, transportando a revolta para o leitor, ao que observamos seu sentido político maior. Um exemplo é a moça de 17 anos que come dois cachorros quentes com coca cola porque não tem tempo nem dinheiro para almoçar, é assaltada no emprego, uma loja minúscula que abriga aos fundos as máquinas de costura que fabricam as roupas vendidas na loja, a cena é forte, há toda uma preparação para um desfecho que apenas entrevemos quando escutamos o disparo da arma sem outra visualização.

4. Quando a interpretação modifica o leitor

Seja no encaço do pensamento teórico de Hans-Georg Gadamer com *Verdade e método* (2004), seja com Paul Ricoeur em *O conflito das interpretações* (1978) ou mesmo Hans Robert Jauss em *Pour une herméneutique littéraire* (1988), temos uma perspectiva teórica recortada afim na compreensão do sentido político de interferir na consciência do leitor. Em *Eles eram muitos cavalos*, o fato de não haver comunicação entre os fragmentos nem entre os personagens – quando há o registro de uma história no sentido clássico do termo, um desenvolvimento de determinado assunto – não há interação entre si. Expliquemos. O fragmento de n. 16 é exímio nesse recurso. A começar do título: “assim:”, grafado com letra minúscula e dois pontos, ocupa toda a página 34 e nele o leitor acompanha uma narrativa que já começou, inicia sem parágrafo, letra minúscula, na terceira linha vem o negrito do texto, seguido por itálico, dois travessões, mais à frente três linhas curtas como se fosse uma estrofe, depois muda a fonte, o tamanho maior da letra, abre-se um parênteses que inicia com dois pontos, fecha o

parênteses como a interromper a fala, volta o negrito, em seguida outro travessão com a fala interrompida ao meio por um itálico no tamanho normal, sai o itálico durante as próximas seis palavras, negrito entre parênteses, após muda-se o tipo da letra novamente, o tamanho, até o fim da página altera-se, letra normal, itálico, negrito entre parênteses, letra normal, letra diferente aumentada, normal e itálico sem ponto final, isto tudo numa única página. Portanto, estes são os recursos gráficos utilizados pelo autor para chegar ao resultado que aludimos anteriormente. Isto é, mostrar a falta de interação porque, se acompanhamos uma espécie de apresentação por parte de um narrador oculto nas letras de tipo normal, nos negritos entre parênteses há uma tentativa de diálogo entre um casal já velho que lembra de seus gostos, família, crítica de um em relação ao comportamento do outro, mas o detalhe é que a fala de um, não demonstra continuidade ou contrariedade do pensamento. Simplesmente um fala uma coisa e o outro comenta algo sem a menor relação com o que foi levantado antes. Nos diálogos iniciados com travessões, ocorre o mesmo procedimento, falta complemento. Ao considerarmos apenas os itálicos da página, também não encontramos continuação. Há um comentário da visagem de São Paulo, a descrição do espaço, a composição de sua população, principalmente de quem se visualiza no centro, o cheiro que se pode notar e o desejo no plural da necessidade de se reinventar uma civilização. Nas letras de fonte diferente e tipo maior há um recorte abordando o aspecto político, de cunho sobretudo crítico, de como entra governo e sai governo as coisas ficam sempre como estão, da diferença entre passado e presente, da falta de perspectiva e por fim um enunciado de que o ministro assinará um portaria que não sabemos do que se trata nem temos a continuidade do pensamento. Em quatro momentos da página, num parênteses curto o narrador acoplado à visão de São Paulo dispara: podre o ar, podres as águas, podre a cidade, podre, esse país. A podridão que se destaca vem, sobretudo, de dentro das pessoas componentes deste quadro, é o que o narrador

pelo arranjo do escritor nos faz saber, consciência crítica acima de suspeições.

A ética da experiência, ou melhor, a falta dela impulsiona a narrativa de seres que não se coadunam. Tal o grau de abertura do pensamento que apontamos nas escolhas narrativas de Luiz Ruffato. É assim que compreendemos a adoção de pontos de vista distintos, inclusive na mesma página, em função dos quais se tematiza a problemática levantada, ao que acrescentamos, ainda, o interesse emancipatório da existência. Logo, temos nossa versão para o que entendemos ser a tarefa da interpretação literária, tendo em vista o teor que detectamos no romance em questão: “A interpretação propriamente dita é o processo de mediação da realidade do passado com a realização presente.” (Melo e Souza, 2010, p. 214). Compromisso acima de tudo com a ampliação dos horizontes, podem ser acinzentados, podres, mas são perceptíveis de modo próprio, sem que outrem determine que o são. Se nessa angulação o social não se desvincula do político por meio da conscientização, temos entrelaçada a tríade hermenêutica proposta por Gadamer (2004), qual seja, compreensão, interpretação e aplicação.

Seguindo a linha de raciocínio de *Verdade e Método* (2004), Gadamer nos ensina que no campo das ciências do espírito, importa mais a capacidade de fazer as perguntas, a ruptura dos modos de se observar o mundo. Assim, sentimo-nos autorizados em afirmar que no romance *Eles eram muitos cavalos*, as perguntas que o leitor está empenhado em fazer, está além de buscar um fio condutor para o enredo. Cada fragmento pode ser tomado por uma afronta aos modos de legitimar o pensamento; a mesmice, a rotina massacrante daqueles seres, abre frestas para que o incômodo deles também seja o do leitor. A inércia que aparentemente toma conta nos modos de se colocar em sociedade, por outro tanto, provoca um sentido de não adaptação, conforme interpretamos a questão muda proposta por seus gestos, deambular, falta de interação. Nossa hipótese compartilha do pensamento teórico quando dispõe: “Quem quiser compreender um texto está, [...] disposto a deixar que ele diga alguma

coisa.” (Gadamer, 2004, 76), é com esta atitude que nos postamos diante do romance de Ruffato. Afinal, o literário tem a capacidade de mudar a situação atual do intérprete, conforme encontramos no traçado hermenêutico. Motivo pelo qual arriscamos para o perfil dos personagens, sua história atravessada por muitos dizeres e fazeres, contudo, incompleta, uma panorâmica do que é a sociedade, seu comportamento político de aversão ao coletivo. Digamos que a experiência humana interrompida no desenvolvimento do romance que ora nos ocupa, denota uma compreensão do presente preñe de perguntas, já que tecnologicamente administrado, porém reduzido em explicações condizentes com a sabedoria das emoções.

Dentro do pressuposto de uma hermenêutica literária, nos termos de Hans Robert Jauss (1988), temos na interpretação estética da escrita romanesca de Luiz Ruffato, uma oportunidade de mudança de paradigma do que convencionalmente entenderíamos de sociedade e política. Ora, se no romance temos a experiência de um único dia, porém, multiplicada pelos inúmeros focos de observação, podemos concluir que o presente é o interpelante. O significado vem daquilo que é colocado em questão, mesmo que seja um anúncio para encontros amorosos, uma lista de oferta de emprego, um recado na porta da geladeira. Quem está por trás destas ações e o motivo pelo qual as praticou, importa mais do que uma simples referência.

Se existem diferentes maneiras de interpretar e, se o texto literário por si só é simbólico, no livro *Pour une herméneutique littéraire* (1988), compreendemos que a imperiosidade do julgamento estético, distingue a arte da interpretação. Ali o literário trabalha seu mirar para o social, o político, o individual. Se as rotinas expostas são excessivamente banais, não podemos nos esquecer que nas origens do gênero romanesco, é o cotidiano que o público queria ver impresso. No momento atual, se a rotina ainda causa estranhamento, é por seu turno, em decorrência do quanto ela despersonaliza seu principal agente condutor. É o que podemos deduzir do chamado projeto estético de Luiz Ruffato. A título de ilustração do que afirmamos, tomemos a parte final do fragmento de n. 10, “O que

quer uma mulher”. Trata-se de uma mulher casada com um professor, ela esboça certo inconformismo, ele, levado pelo marasmo do sempre igual. Num texto cheio de inovações formais, itálico em meio à letra convencional, partes do texto expresso como se fosse estrofe, por seis vezes a adversativa “mas” inicia um parágrafo revelando a indignação da mulher em relação ao comportamento do marido que ela chama de “inconformista conformado” ou de um “inconformismo intelectual”. Queremos ressaltar o poder de questionamento deste excerto, para maior exatidão, a parte final:

¿quem é esse homem, meu deus, cara gorda ponte-móvel barriga de
barril roupas desleixadas sem amigos
que gasta as manhãs de sábado lavando o cachorro e o quintalzinho
latinhas de cerveja e tira-gostos espetados no palito
que gasta as tardes de domingo vendo futebol na televisão latinhas de
cerveja e tira-gostos espetados no palito
e que dorme em sua cama
e que é o pai de seus filhos
e que
já não reconhece
quem é esse homem quem?
(RUFFATO, 2013, p. 27)

Dentro da prática da pergunta e resposta na interpretação que nos move, excetuando-se a obviedade dos sinais de pontuação da interrogação, primeiro invertido, depois expresso de maneira tradicional, entendemos um questionamento muito maior. Além da previsibilidade das ações, o corroer do tempo, as expressões e conjunções repetidas enquanto recurso estético objetivando dar conta de uma vida que perdeu o entusiasmo da juventude, há uma luta interna da personagem. É ela quem constata o sucumbir daquele homem, visto que não o reconhece, quase um grito, muito mais que uma lamúria. A mulher se projeta no marido, percebe que está sendo levada junto com o tempo, então há o desespero da pergunta porque ela já tem a resposta. A constatação é no presente, portanto, depois

de uma vida inteira com ele e sem a menor perspectiva de sair do círculo em que se resume sua existência. Então, podemos arriscar que nessa experiência estética, temos um horizonte em vista, qual seja, o social com pretensões de se libertar mas, contido pelo sentido político represado (falta de compartilhamento dos mesmos ideais), transformando o que poderia ser uma pretensão ao diferente.

5. Quase um final

Nessa leitura crítica que empreendemos do livro *Eles eram muitos cavalos*, consideramos diversos elementos textuais, na junção ao conteúdo, delineamos uma experiência estética. Esta, comporta uma tensão narrativa nos modos de viver e sentir. Os personagens, as situações, propiciam uma compreensão primária do mundo, porque se o homem se entende na sua natureza por meio da alteridade, isto não se justifica na obra de Ruffato. Naquele romance quando aparece um segundo elemento em cena, perfaz uma solidão acompanhada. Sem possibilidade de conciliação dos horizontes, o homem deste romance, apenas preenche o dia, vaga pelo espaço. Nas trilhas do pensamento de Hans Robert Jauss, procedemos à leitura interpretativa do romance de Luiz Ruffato, enquanto uma amostragem do liame político e social na pós-modernidade. Tomando a hermenêutica literária como um “instrumento precioso na prática da vida, na medida em que, pela compreensão dialógica na experiência do texto, ela permite ao mesmo tempo a experiência de outrem.” (Jauss, 1988, p. 29)(tradução nossa). Por conseguinte, a experiência humana que o leitor adquire na leitura de várias narrativas que compõe uma só, ilustra a reflexão da história política do Brasil no início dos anos 2000. Destacamos ainda que, passados 15 anos de sua publicação, a atualidade da reflexão é gritante, dentre alguns elementos, elencamos: a radicalização dos discursos polarizados, a falta de ambiente pautado pela liberdade, a rotina alienante do ano 2016, todos mesclados ou em parte, são encontrados no provocante romance de Ruffato.

Referências

RUFFATO, Luiz. **Eles eram muitos cavalos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

ECO, Umberto. **Interpretação e superinterpretação**. Tradução de Monica Stahl. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método**. Vol. 2. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis-RJ: Vozes; Bragança Paulista-SP: Editora Universitária São Francisco, 2004.

HARRISSON, Marguerite Itamar. (Org.) **Uma cidade em camadas**, ensaios sobre o romance **Eles eram muitos cavalos**, de Luiz Ruffato. Vinhedo-SP: Horizonte, 2007.

JAUSS, Hans Robert. **Pour une herméneutique littéraire**. Traduit de l'allemand par Maurice Jacob. Paris: Galimard, 1988.

MELO e SOUZA, Ronaldo de. **Ensaio de poética e hermenêutica**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2010.

RICOEUR, Paul. **O conflito das interpretações**. Tradução de Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago, 1978.